



Vinícius
Tadeu

O
Ciúmes
no
Banco dos Réus

O Ciúmes
no
Banco dos Réus
Vinícius Tadeu

O meu julgamento está começando e eu estou sentado no Banco dos Réus.

Uma cadeira comum, sem encosto para os braços, igual às outras duas onde estão sentados os policiais, um de cada lado. Todas posicionadas do lado esquerdo daquele salão e à frente dos lugares reservados ao público.

Aquela posição nos deixava de costas para os da plateia. Uma disposição muito estranha, que limitava a ação dos policiais em caso de perigo, e que me impedia de qualquer contato com o meu advogado. *Meu advogado?!*

À minha direita, também sentados, os sete membros do Conselho de Sentença. *Os Jurados.*

Ao fundo, em um assoalho mais elevado da cota do piso, da esquerda para a direita, estão sentados, o perito, o representante do Ministério Público e o escrivão. Entre os dois últimos, o Juiz Presidente desse Tribunal do Júri. No lado direito e ao lado do Escrivão, a estenotipista. E, no espaço, entre os jurados e a moça, a banca do meu advogado, o único que eu pude reconhecer, e, assim mesmo, pelas complexões físicas, dado estar com a vista embaçada e os olhos queimando.

Entre os jurados e eu, exatamente em frente ao juiz, uma única poltrona, no momento vazia, que está reservada às testemunhas.

O meu tribunal está formado, eu pensei, equivocadamente, para corrigir em seguida. Não! O tribunal é deles, eu aqui sou apenas o objeto desse tribunal.

Sim! Um objeto! Um maldito objeto banhado em suor e que mal pode enxergar.

Cabeça baixa, quase entre as pernas, e com os olhos por certo avermelhados.

Eu estou no lugar destinado àqueles que foram presos e que a justiça entendeu terem praticado ou, de alguma forma, participado de delitos graves, mais especificamente, os crimes dolosos contra a vida, consumados ou tentados.

Mas, ironicamente, considerado inocente, até ser declarado culpado — segundo a nossa Constituição.

4

Ali, eu, olhando para o piso e para uma poça de suor que começava a se formar. Por certo, aos olhos de todos os demais, parecendo arrependido, e... *chorando*.

Naquele momento eu estava sendo entregue à vontade do povo para que decidissem se, de alguma forma e por vontade própria, eu tinha matado ou participado da morte da Srta. *Affection by Interesses*; ou contribuído para isso.

Aqueles sete representantes do povo e que foram sorteados dentre os 24 que compareceram,

descontado um faltoso, são as únicas pessoas que podem decidir se eu sou inocente ou culpado.

Meu destino agora estava entregue em suas mãos, ou melhor, à consciência de cada um deles.

Mas eu já me sentia condenado pelo sistema e, pior, já vinha pagando a pena.

Entre os do povo, a maioria desconhecidos, suponho que muitos conhecidos, alguns parentes e uns poucos amigos de fé, outros nem tanto, e, ao menos, dois inimigos declarados; esses eu podia imaginar sentados na segunda fila, uma vez que, a primeira, tinha sido reservada para as 25 pessoas que foram convocadas para formar o júri, e, agora, estavam ocupadas pelas 17 restantes.



Pouco tempo antes a voz do juiz tinha sido ouvida por todos que estavam naquele recinto, os que estavam aguardando na sala de espera, e os da carceragem; eu inclusive.

“Tragam o réu”.

Naquela hora senti os olhos arderem, como se fossem duas brasas vivas, e não era somente pelo suor.

Sem nada dizerem os soldados me agarraram pelos ombros e forçaram para cima de tal forma,

que, quando consegui esticar as pernas, meus pés não tocaram o chão, fazendo com que eles tivessem que me baixar um pouco para que eu pudesse andar.

Eu estava praticamente levitando.

“Não é melhor vocês me arrastarem?”

Lembro-me que até me passou pela cabeça dizer, mas nada disse, porque tinha a certeza de que, se eu dissesse isso, seria assim que eu entraria na sala de julgamento.

De qualquer forma, aquela meia dúzia de passos até a porta da sala, foram os passos mais leves da minha vida adulta; mal podia sentir o meu peso sobre os pés. Condição igual, até onde eu me lembro, àquela de quando eu era bebê e precisava do auxílio de um andador.

A porta não permitia a passagem dos três ao mesmo tempo, assim, o da esquerda soltou-me e atravessou primeiro. O outro soltou o braço que segurava, segurou na corrente da algema e puxou para cima, com isso eu tive que dobrar o corpo para frente. E foi assim, corpo dobrado e olhos no chão, que eu caminhei até a cadeira onde fui pressionado para baixo até me sentarem.

“Entre de cabeça baixa, nada de arrogância nessa hora”. Conselhos do advogado. Não sei se foi bem isso que ele quis dizer, mas se foi, arrasei.

“Mais humilde impossível!”

Sim! Eu tive essa impressão.

Juntei a isso tudo o uniforme laranja-berrante de preso, *“mais humilhado também não”*.

Minutos antes eu tinha ouvido uma voz diferente de todas as da instrução criminal. Ele tinha falado em alto e bom tom, mas com nítida neutralidade. A neutralidade daqueles que apenas estão fazendo o trabalho que lhes foi designado.

“Será submetido a julgamento o processo número cento e noventa e seis, que a Justiça Pública move contra *Jealousy Acute*, por infração aos artigos 121 e 122 do Código Penal”.

Mas a simples menção do meu nome tinha feito com que um calor insuportável invadisse o meu peito, a região da cabeça, e os dois braços. A área próxima do coração, as duas mãos, e a parte baixa da cabeça me pareceram em brasa naquela hora. E, ainda na carceragem, me veio a vontade de gritar *“Sou inocente!”*, mas engoli a fala, graças às instruções prévias do advogado.

Mais anteriormente o juiz havia determinado que as testemunhas de acusação e defesa fossem encaminhadas para salas diferentes. De onde eu estava, pude vê-las passando, na verdade apenas vultos passando, até serem divididas em duas salas, e as portas sendo fechadas.

“Sr. Oficial, apregoe as partes e certifique”.

Essas palavras tinham me feito tremer.

E eu ainda estava remoendo um sentimento de medo e de perigo que veio com uma decisão do magistrado.

“À jurada faltosa, *Lack of Trust*, aplico a multa de dez salários mínimos, ficando a mesma desde já sorteada para a próxima sessão”.

“*Pena máxima*”, naquele instante eu não pude evitar pensar. O advogado havia me dito que ela poderia ser aplicada entre um e dez salários. Aquilo não era de bom presságio. “*O máximo do rigor da lei*”. Lembro-me de ter sentido o corpo gelar, principalmente nos braços e pernas.

Acrescento ainda as lembranças da fronte sendo banhada por um suor gelado e de não ter como enxugar, devido estar com as mãos algemadas para traz. E de ter acompanhado a gola e os ombros do uniforme sendo banhados pelo líquido escorrendo pescoço abaixo. Foi quando eu fiquei com a visão embaçada e os olhos ardendo por causa do sal e da ureia do suor.

Tudo isso porque uma pessoa não confiável foi convocada para o júri e não estava presente. E, ao que tudo indicava, também não tinha se dado ao trabalho de justificar sua ausência.

Uma das pessoas chamadas um pouco antes.

“Sr. Escrivão, proceda à chamada dos que foram convocados para compor o júri. À medida que forem chamados, devem responder presente”.

Mesmo distante, a voz austera do magistrado tinha feito com que o primeiro calafrio, de uma série de tantos, percorresse todo o meu corpo.

Segundos antes, eu tinha pulado da cadeira com o som estridente de uma campainha. A campainha que marcou a abertura da sessão.



Naquela hora, sentado no Banco dos Réus, eu estava tentando me acalmar de tudo o que havia passado até então e, ao mesmo tempo, lembrar-me das instruções recebidas “Nunca, mas... nunca mesmo, perca a calma”. Essas palavras, repetidas inúmeras vezes pelo meu defensor, ainda reverberavam na minha cabeça.

Eu tinha que mudar o objeto da minha atenção.

Móveis do tipo imperial. Eu os tinha visto em revistas.

Entalhados e envernizados em cor escura.

— Austeros — murmurei.

Sóbrios! A cadeira alta dava ao magistrado uma aparência de gigante. *Poderoso!* No entalhe

eu não entendia a função daquela senhora de olhos vedados segurando uma espada, mas pressenti o perigo. *Arma nas mãos de quem está cego é sinal claro de perigo. E a cegueira de poder é a pior delas.* Ah, também pude observar a balança, mas para mim representava o meu corpo dividido ao meio, metade em cada prato. *Terrível!*

As pernas foram ficando geladas e um fogo ardente começou a queimar na região do peito.

E eu ainda nem tinha me refeito do susto, da agonia do peito apertado, e do calor subindo para o pescoço e cabeça, quando ouvi, ainda na carceragem, o som daquela campainha estridente.

“Sentado, permaneça sentado!”

Os ombros ainda estão doendo da pressão exercida pelos policiais sobre eles. E a cabeça pelo som alto e seco dessas palavras gritadas ao meu ouvido por um deles, quando, de susto, eu pulei da cadeira com o barulho da campainha. Um barulho que quase fez apagar da minha mente tudo o que o meu defensor havia dito nos dias anteriores e que eu estava, distraidamente, tentando repassar.



Do processo seletivo dos jurados eu captei apenas alguns poucos detalhes: proibição de

parentesco entre eles, vínculos processuais, ideias pré-concebidas e incomunicabilidade. E as penas da lei para quem descumprisse.

Na verdade, até então não acreditava que sendo um ou outro iria mudar muita coisa. Mas uma coisa chamou minha atenção: os dispensados não irem embora.

Curiosidade? Interesse pessoal no caso?

Seja como for, *eu fico melhor sem eles.*

Quem sabe todos os sete sorteados, ou ao menos quatro deles, já não estivessem no caminho de suas casas. *O desprendimento dos problemas sociais pode trabalhar a meu favor.* Eu não tinha como saber se eles iriam mesmo para suas famílias, mas os dezessete não foram.

11

Nesses casos, melhor a dúvida... do que a certeza.

“Assim o prometo”.

Vozes fortes e determinadas.

Absorto nos meus pensamentos eu perdi a fala do juiz, mas o som das sete vozes juntas chamou a minha atenção. Era o juramento. Outra coisa que o advogado me explicou sobre o ritual do júri. Todos tinham erguido o braço direito.

O oficial de justiça distribuiu aos Jurados cópias da pronúncia e do relatório do processo.

Eu não recebi!

É... não havia uma cópia para mim, mas eu não precisava, sabia exatamente o que aquelas folhas continham.

Dias antes, durante as instruções sobre como seria o julgamento, meu advogado me entregou as mesmas cópias que os jurados agora recebiam. Eu tive quase três meses para ler, reler... e reler, até decorar. Tinha perdido a conta de quantas vezes havia relido aquelas folhas, mas tinha decorado cada palavra. Foi melhor assim, como eu iria ler algemado; ainda mais com as mãos nas costas.

— Pela ordem, Meritíssimo.

Eu reconheci a voz do meu advogado, e eu tinha sido alertado para esse procedimento que ele adotaria, mas também tinha sido avisado que nem mesmo ele acreditava em resultados positivos.

— Pois não!

— Quero apresentar requerimento formal para a retirada das algemas.

— Eu já decidi por mantê-las, Doutor. Mas o seu protesto será registrado.

Estava acompanhando o advogado se sentar, quando ouvi outra voz.

— Senhor Presidente...

Era um dos jurados, homem, pude ver. Fala pausada e firme. E era o único em pé.

— Pois não!

Havia nítida contrariedade nessas palavras do juiz-presidente. Um “Pois não!” que traduzido: “Quem ousa interromper o meu Júri”.

— Nada justifica o uso das algemas, Senhor Presidente. E não somente isso, a cadeira deve ser reposicionada para que eu possa olhar, olhos nos olhos, o acusado; corrijo... para que nós possamos. Se nós vamos julgá-lo — fez um movimento em leque com o braço direito por sobre a cabeça dos demais jurados —, ele deve ficar voltado para o nosso lado. Além disso, Senhor Presidente, peço um recesso para que o Réu possa retirar o uniforme, enxugar o rosto, e colocar roupas secas. E que o meu requerimento seja registrado.

— Senhor Jurado, eu acabei de falar que já decidi sobre o uso das algemas, ele... — apontou o Réu — é um assassino.

— Senhor Presidente, o Tribunal do Júri é um órgão colegiado e, nós, os Jurados, ainda não decidimos se ele é culpado ou inocente.

— As algemas permanecem, eu sou o juiz, e ele fica de frente para mim; rejeito o pedido de recesso. — Continuou, sem olhar para os lados — Escrevente... certifique também o protesto desse Jurado, e chame a primeira testemunha.

O Jurado voltou a falar:

— Senhor Presidente, a Constituição Cidadã

consagrou o direito desse acusado ser julgado pelos seus pares, em assim o sendo, nós somos os juizes e os responsáveis por condená-lo, absolvê-lo ou, mesmo, perdoá-lo. Isso, exatamente para evitar que o interesse social continue escravizado pelo interesse particular do Estado, que Vossa Excelência representa.

— Você está excluído do júri.

— Isso é abuso de autoridade. O que eu estou vendo aqui não passa de uma sessão de tortura. Esse cidadão não pode nem enxugar os olhos, e provavelmente não consegue enxergar.

— Cale-se, ou mando prendê-lo. Policial, retire esse senhor do meu tribunal. Proceda-se ao sorteio de outro jurado, dentre os convocados que ainda estão no recinto.

Os procedimentos determinados pelo juiz estavam sendo cumpridos por quem de direito. O jurado destituído foi escoltado por um dos policiais até a porta de saída, e o escrevente colocou os 17 nomes de volta na urna.

— Policial... algeme o Réu com as mãos para frente. E, querendo, o advogado pode sentar-se ao lado do cliente. — Voltou a falar o juiz.

— Fique em pé — ordenou-me o policial.

Obedeci de pronto.

Agradeci mentalmente àquele jurado.

As mãos mudaram de posição e eu pude enxugar os olhos com a parte baixa dos dedos. Isso me permitiu enxergar melhor, e agora podia ver as pessoas: o misericordioso juiz, os jurados, o meu advogado.

Graças ao bom samaritano, pensei.

O advogado atravessou a sala e veio até onde nós estávamos em pé, o policial e eu; o da escolta ainda não tinha retornado. Virou duas das cadeiras na direção dos jurados e disse para mim, ao mesmo tempo em que me entregava um lenço para enxugar o rosto:

— Sente-se! — Virou para o policial — Por favor, preciso de privacidade com o meu cliente, se quiser, pode levar a cadeira.

15

Sem nada dizer, o policial afastou a cadeira até a parede próxima.

— Ele é severo — eu falei baixinho ao ouvido do advogado, na forma que havia sido instruído a fazê-lo, e me referindo ao juiz.

O advogado apenas balançou a cabeça para os lados, antes de dizer:

— Por favor, fique em silêncio. Ele pediu silêncio. — Gesticulou com o queixo na direção do juiz.

Peço desculpas, Meritíssimo. Desculpei-me em pensamento, quase que instintivamente, e da

forma que fui também exaustivamente treinado pelo advogado.

Fiquei pensando nas algemas e no que o advogado havia me dito anteriormente.

“Não há dispositivo que proíba o uso de algemas no Tribunal do Júri, mas também não existe nada prevendo o seu uso. Eu acho errado, porque fere a dignidade humana e deixa um ar de culpado. E o advogado estando afastado, não tem como orientar o seu cliente e, isso, prejudica a defesa”.

Acho que perdi dois votos certos, pensei, me referindo àquele jurado que foi excluído e à jurada recusada pelo MP. E agora dois deles pertencem aos que restaram. É como que tirar dois votos de um prato da balança e colocá-los no outro prato. Na verdade a diferença é de quatro pontos, o que basta para a condenação. — Comecei mal! — falei com meus botões, mesmo sem ter um.

Tendo de ficar em silêncio, e sem nada entender do que estava ocorrendo, voltei outra vez minha atenção para o mobiliário e a decoração.

Procurei por detalhes.

Logo atrás do juiz na parede de fundo, uma cortina em veludo vermelho, amarrada pouco abaixo da metade da altura, dava a impressão de uma capelinha. Uma parte de um crucifixo grande,

com dois terços encobertos pelo pesado tecido, podia ser visto em seu interior.

Minha esperança, minha única esperança, quase que escondido, eu podia ver-lhe os pés, e uma parte das pernas. Senti acender uma fagulha de esperança. Mas os pensamentos não paravam, e eram inclementes.

Inocente e crucificado!

Isso ele!... E eu?...

Esse último pensamento foi como um sopro, e eu senti a pequena chama se apagar.



Era a hora das testemunhas.

Não pude continuar refletindo. Novamente a voz do juiz.

— Seu nome?

A testemunha chamada estava na cadeira.

— Seu nome? — O juiz repetiu.

— *Angry Aggression*, mais conhecida como *Aggressiveness*.

— Senhora *Aggressiveness*, o que pode nos contar sobre esse caso.

— Bem, o *Jealousy* estava o tempo todo com eles, em qualquer lugar, de dia ou de noite, todas as horas.

— *Jealousy, Jealousy Acute*, está presente nessa sala?

— Sim!

— Poderia apontá-lo.

Aggressiveness virou o corpo e estendeu o braço, com a mão fechada, e o indicador em riste.

Sim! Ela me reconheceu, também pudera, fomos parceiros em muitas e muitas aventuras, e tenho como certo que vamos continuar sendo. Não necessariamente, mas ela pode aparecer onde eu estou, sem aviso-prévio, sem alerta, sem nada que possa anunciar sua chegada; e naquele dia não foi diferente. Confesso que eu posso ser o culpado em alguns casos, mas não nesse. Nesse eu não tive nenhuma participação, e espero que fique tudo provado.

— Faça constar nos autos que a testemunha reconheceu o Réu — disse o juiz. Virando-se para a testemunha — Por favor, prossiga, Sra. *Aggressiveness*.

— Como eu estava dizendo, Meritíssimo, o *Jealousy* estava o tempo todo entre os dois, e quando eu cheguei ao local onde aconteceu o crime ele estava lá, bem no meio dos dois.

— Que passe a constar dos autos que a testemunha viu o Réu na cena do crime. Senhora *Aggressiveness*, a Senhora viu o Réu matar as

vítimas, ajudar outra pessoa a praticar o crime, ou mesmo instigar alguém para fazê-lo.

— Ver eu não vi... isso porque eu saí assim que *Violent* chegou.

Aquilo mexeu com os meus nervos.

Mentirosa! Eu que saí... foi você que ficou no local. Você e a Violent! O problema é que crimes passionais são pobres em testemunhas, principalmente as confiáveis.

— Senhor Promotor?

— Sem perguntas, Excelência.

— Defensor?

O advogado levantou-se e caminhou até ao lado da testemunha, enquanto dizia:

— Sra. *Agressiveness*, pode nos dizer o que o Sr. *Jealousy Acute* fez ou disse enquanto a senhora estava no local.

— Doutor, as perguntas devem ser dirigidas a esse juízo.

— Eu reformulo. Excelência, a defesa quer saber se a testemunha viu ou ouviu o Senhor *Jealousy* fazer ou falar alguma coisa, durante o tempo em que ela esteve presente na cena do crime.

— Pode responder, Sra. *Agressiveness*.

— Nada! Ele não fez nada e nem falou nada. Estranho... apenas saiu do meio dos dois e ficou

em um canto, com os braços cruzados em frente ao peito; como se não tivesse nada a ver com o assunto... mas podia muito bem estar disfarçando. Esperando para atacar e ajudar o comparsa dele.

O juiz olhou firme para a testemunha.

— Por favor, Sra. *Agressiveness*, limite-se a revelar o que a Senhora, viu ou ouviu, sem tirar conclusões — o juiz alertou. — Pode prosseguir, Senhor Defensor.

— Excelência, a testemunha afirmou que deixou o local assim que *Violent* chegou. A defesa quer saber se ela se refere a *Revenge Violent*?

— A testemunha pode responder!

— Sim! A família é numerosa e elas são muito parecidas, mas, sim, era *Revenge Violent*.

— Sem mais perguntas, Excelência.

O advogado voltou a sentar-se ao meu lado.

Eu quase não podia me conter.

Maldita predadora, ele agiu com instintos de agressão emprestados por você. Confesso que me foi difícil ficar calado. Mas tudo ali acontecia muito rápido, e a segunda testemunha de acusação já ia ser ouvida.

— Estenda a mão direita.

A pessoa da voz imparcial, eu reconheci.

— Jura dizer a verdade, somente a verdade, nada mais do que a verdade.

— Eu juro!

— Pode sentar-se.

A testemunha tomou assento na cadeira e o *Imparcial* voltou ao seu lugar.

— Nome? — Era novamente o juiz falando.

— *Distress Greedy*!

— Sra. *Distress Greedy*, a Senhora estava no local, dia e hora dos fatos.

— Sim!

— O Sr. *Acute Jealousy*, também estava lá?

— Sim — *Greedy* apontou para o meu lado —, ele estava lá.

— Diga-nos o que sabe sobre os fatos.

— A *Affection* era muito apegada a tudo o que ela tinha. Qualquer coisa que ela perdesse, mesmo que não valesse quase nada, a deixava furiosa. Por causa desse aí — apontou novamente o dedo para o meu lado — o *Euphoric* queria tirar tudo dela.

— A Senhora se refere à vítima *Affection by Interesses* e a *Euphoric Love*.

— Sim, Meritíssimo, os falecidos.

— Prossiga!

— Eu e a *Aggressiveness* estávamos as duas juntas, abraçadinhas, uma olhando nos olhos da outra, pressentindo como aquilo ia terminar, e o *Euphoric*, incentivado por aquele ali — pareceu-

me que ela tinha prazer em me apontar —, gritava assim: sua idiota... vai ficar sem nada... ele vai me matar... e... a você também. Quando a *Violent* pôs o pé na porta a *Aggressiveness* se soltou de mim. Sozinha e com medo, eu fechei os olhos e... foi aí que eu escutei o primeiro tiro. Eu começava a abrir um cantinho do olho para espiar, quando ouvi o segundo tiro; aí eu apertei bem os olhos e fiquei paralisada. Fiquei assim, até que um policial falou comigo... para que eu me acalmasse. Quando abri os olhos, os dois estavam mortos. Foi muito horrível!

A testemunha começou a chorar e o juiz aguardou um minuto antes de voltar a falar.

— Promotor?

— Sem perguntas, Excelência.

— Defesa!

Ao meu lado, o advogado, meio desajeitado por manter no colo uma volumosa cópia dos autos, folheou algumas páginas e parou em uma delas.

— Às fls. 85, no Termo de Declaração do Condutor, o do policial ao qual a testemunha se refere, consta: “Chegando ao local dos fatos, encontrei as vítimas já sem vida, e a Sra. *Distress Greedy* transtornada e gritando: ‘O *Jealousy*, matou eles.’”, e... em seguida, “Sem nada poder fazer pelas vítimas, deixei meu colega cuidando da

cena do crime, e iniciei a perseguição a *Jealousy*, encontrando-o escondido em outra residência onde um casal também estava brigando por causa do conduzido. Indagados, confirmaram que *Jealousy* já estava ali há algum tempo, mas não souberam precisar quanto”. Excelência, pergunto: Se a testemunha afirma que estava de olhos fechados, de que maneira ela viu o acusado matando os dois.

— Se a testemunha entendeu a pergunta, pode responder — o juiz falou.

— Ver, eu não vi!

— Sem mais perguntas, Excelência.

— O MP tem mais alguma testemunha?

— Não, Excelência.

— Esperto você — falei baixinho. *Gostei!*

— Às da defesa — o juiz disse. Aguardou até que ela fosse chamada a prestar depoimento e se sentasse. — Nome?

— *Greed Envious*.

— Algum parentesco com o acusado ou com qualquer uma das vítimas?

— Não!

— A senhora sabe que pode ser presa se mentir nesse tribunal?

— Eu sei!

O juiz olhou para o advogado.

— Senhor Defensor, a testemunha é sua.

— Sra. *Greed*, a senhora conhecia a Srta. *Affection by Interesses*.

— Muito! Era uma pessoa gananciosa, e ela queria tudo para ela. Se não fosse essa fatalidade, o Sr. *Euphoric* teria ficado sem nada; ela teria tirado tudo o que pertencia a ele. Ou melhor, simplesmente não devolveria a parte dele, porque tudo o que eles tinham estava em nome dela; ela exigiu que fosse assim. Não confiava nele e nem em ninguém. Só ficou com ele por interesse.

— E ele, Sra. *Greed*, pode nos falar alguma coisa sobre ele, o Sr. *Euphoric Love*?

— Era um idiota, naquela euforia de estar apaixonado pela *Affection by Interesses*, estava cego, não enxergava o que podia ocorrer. O *Euphoric* tinha dívidas e contava com a venda de algum patrimônio para solvê-las; coisa que *Affection by Interesses* não admitia em hipótese alguma. Falava abertamente que as coisas estavam em nome dela, portanto, pertenciam a ela, e que não iria abrir mão de nada.

— Sabe que dívidas eram essas e com quem?

— Protesto! A Defesa tenta hipoteticamente levantar outros suspeitos para o crime — O MP praticamente esmurrou a mesa, dada a violência com que bateu com o punho fechado sobre ela.

— Defensor.

— Excelência, a motivação do crime não foi totalmente esclarecida durante a investigação.

— Protesto rejeitado, a testemunha pode responder à pergunta — decidiu o juiz.

— Dinheiro! Dinheiro usado para a compra de muitos daqueles bens. Pegos com um agiota, pessoa violenta, e que se não recebesse o que era dele, com certeza mataria o devedor.

— Conhece o Acusado, Sra. *Greed*?

— O Ciúmes! É assim que o chamamos por estas bandas. Sim! Eu o conheço... e como; alguns até dizem que nós somos parentes distantes, mas eu não acredito. Eu sou uma invejosa, mas é só isso.

— Os dois, o Ciúmes e o Sr. *Euphoric*, eram amigos íntimos? — perguntou o advogado.

— No começo acho que sim, mas depois eles se afastaram um do outro, nem sei se ainda tinham amizade. Até estranhei ele estar por lá — apontou o dedo em minha direção —, talvez em consideração à amizade antiga... lembranças desenterradas naquela hora; mas apenas isso.

Antes de continuar a testemunha pediu água.

Depois de um bom gole em um copo que lhe foi servido, continuou:

— Depois que passou aquela euforia do início e descobriu sobre o desvio dos bens do

casal, o *Euphoric* engatou um caso com a *Revenge* e só queria se vingar. Ele sabia que na justiça não teria nenhuma chance de reaver os bens, porque estavam em nome dela e eles não eram casados; casados de papel passado.

Isso! Pressionei as mãos nas pernas, até sentir a pressão das algemas.

— É só, Excelência. — E o advogado voltou ao seu lugar.

— MP?

— O Ministério Público quer saber se a testemunha acredita que “O Agiota” matou o casal?

O juiz ficou sério, mais sério que o normal, antes de falar — A testemunha pode responder — falou com nítida contrariedade na voz.

— Não, Excelência, eu sei que não foi ele, mas qualquer pessoa em sã consciência sabe que faria isso se o motivo fosse o calote, e todos lá têm medo; o *Euphoric* estava morrendo de medo de isso acontecer com ele. Mesmo assim, eu acredito que as coisas ocorreram na forma como foi relatado pelo delegado. *Euphoric* a matou e, em seguida, tirou a própria vida.

— Sem mais perguntas, Excelência — falou o representante do Ministério Público.

— Defensor.

— A Defesa quer saber se a testemunha acredita que o Acusado teve qualquer participação nesse crime.

O Juiz-presidente trocou um rápido olhar com o representante do Ministério Público (um olhar do tipo: Você começou isso tudo! Agora aguenta.), antes de falar:

— A testemunha pode responder.

— Não! Ele — apontou o indicador para mim — não tem nada a ver com essas mortes. Eu posso afirmar com toda certeza.

Eu pude ver a contrariedade no rosto do Promotor e do Juiz, e o meu advogado com um sorrisinho maroto.

— O que houve — perguntei-lhe ao ouvido, assim que ele sentou-se ao meu lado.

— O MP foi pego na própria esperteza.

Não entendi muita coisa, apenas que aquilo parecia importante, havia desagradado a uns e agradado a outros; então, devia ser bom. Bom para mim e o meu caso.

— Mais alguma testemunha, Defensor?

— Não, Excelência!

— Esclarecimentos... — o juiz-presidente olhou para o representante do MP, em seguida para os jurados — Algum dos jurados necessita de esclarecimentos técnicos? — Correu os olhos nos

jurados e obteve apenas algumas negativas com gestos de cabeça. Continuou:

— A Defesa...

— Excelência, a Defesa requer do Sr. Perito, alguns esclarecimentos.

— Pode formular as perguntas diretamente, Sr. Defensor.

— Sua especialidade?

— Psicologia do Comportamento Humano.

— Sendo uma área comportamental, é de se supor que tenha relação com as emoções?

— Sim!

— Poderia dizer para os membros desse Júri, o que é vingança?

— Em resumo, é uma retaliação contra uma pessoa por essa ter nos prejudicado.

— Uma pessoa, pressentindo que o pior vai acontecer com ela, poderia antecipar a vingança.

— Sim! Se ela tiver isso como certo... sim.

— E poderia matar a pessoa culpada?

— Sim! Se tivesse como certa a própria morte e culpar a outra... sim! Olho por olho.

— O que é ciúme?

— É bastante complexo, mas eu gosto de dizer que é algo voltado para o que não é... o que não existe.

— E se existir algo?

— Nesse caso temos que investigar o quê!

— O Senhor traçou um quadro psicológico das vítimas, poderia nos dizer se o Sr. *Euphoric Love*, segundo as suas conclusões, apresentava comportamento relacionado ao ciúme?

— Segundo o que eu pude apurar, não. O homem sente mais ciúmes da infidelidade sexual, e ele era um homem seguro e viril, bem capaz de segurar a mulher com o pênis.

— E a Srta. *Affection by Interesses*, Sr. Perito?

— Interesseira... extremamente preocupada com a sua própria segurança econômica. Para ela, pouco importava se ele saísse por aí distribuindo esperma.

— O senhor, Senhor Perito, notou alguma relação ciumenta entre esses perfis?

— Não! Uma relação *ciumenta*, não. Esse tipo de relação que existia entre esses dois perfis tem raízes muito profundas, dos tempos em que ainda estávamos confinados nas savanas africanas, quando o homem caçava e protegia a família, e a mulher cuidava dos filhotes. Enquanto os filhos eram pequenos elas dependiam, exclusivamente, dos maridos; quando a prole se tornava adulta ela recuperava o *status quo* e não dependia mais dele. Assim, enquanto para homem a preocupação era a

de não criar filhos de outro homem, a da mulher era se preocupar com que ele não se envolvesse emocionalmente, repito... emocionalmente com outra e lhe retirasse aquela proteção... enquanto ela dependia disso; depois não. Por essa razão, era indiferente àquelas mulheres se o marido fizesse filhos em outras. Isso era, ou devia ser, uma preocupação dos maridos das outras.

O perito se ajeitou na cadeira, e continuou:

— O instituto da herança ainda não tinha sido inventado... e não existiam pensões — o perito riu — ... deve ser por isso.

O comentário do perito provocou alguns risos. E ele deu outro exemplo para silenciá-los:

— Um tipo de relação ainda bastante comum entre alguns animais; os leões, por exemplo, matam todas as crias da nova parceira.

Deu certo, o riso sumiu, e ele pode continuar:

— Aquele tipo de relação evoluiu até os dias de hoje, nos tornamos mais dependentes das coisas do que das pessoas, e aquela dependência antiga, exclusivamente temporária, praticamente desapareceu. Nos dias de hoje, se ainda existe, são casos bastante raros. Hoje, elas trabalham, são independentes, ou procuram ser, ajudam na formação do patrimônio e querem uma solidez

econômica vitalícia; e reagem contra tudo que ameace essa situação.

— Inclusive contra o próprio parceiro?

— Sim! Principalmente contra ele.

— Eu agradeço os esclarecimentos. Sem mais perguntas, Excelência.

— MP? — O juiz olhou para o lado.

— Sem perguntas.



— O Réu pode nos contar a sua versão dos fatos.

Conforme instruído pelo advogado, ajeitei o melhor que pude o uniforme, arrumei um pouco o cabelo, fiquei em pé e olhei para os jurados:

— O meu nome é *Jealousy Acute*, também conhecido pelo apelido de Ciúmes. Durante algum tempo eu frequentei a casa em que morava o casal *Euphoric Love e Affection by Interesses*. Minhas visitas foram sempre por motivos corriqueiros e sempre eu fui expulso daquele local... e os dois terminavam na cama. Nesse dia também começou assim, e eu pensei que terminaria como das outras vezes. Quando a briga virou para outra questão, dinheiro, eu saí do meio dos dois, me afastei, e depois fui embora. Aquilo nada tinha a ver

comigo. Depois fui abordado e preso por um policial, enquanto estava na casa de um casal de amigos; foi nessa hora que eu fiquei sabendo da tragédia. Na delegacia, fui autuado em flagrante... denunciado de coautoria na morte de *Affection by Interesses* e de incentivo ao suicídio de *Euphoric Love*. A minha única culpa nesse caso, se podemos chamar de culpa, foi a de dar um alerta ao *Euphoric*, um aviso para abrir o olho... o que ele veio a descobrir posteriormente não pode ser debitado na minha conta. Eu mereço ser punido por uma fofoca? Se julgarem que sim, não haverá banco dos réus para tanta gente. Eu me pergunto o que estou fazendo aqui. Mas o juiz entendeu que as provas pesavam contra mim e... aqui estou eu me entregando ao julgamento de vocês.

— Perguntas? — Sem obter respostas, o juiz continuou — recesso de uma hora e... aos debates.



O Promotor estava em frente aos Jurados, peito estufado, e voz grave:

— Senhores Jurados, esse homem, se é que podemos chamá-lo assim, com o auxilio do seu comparsa *Euphoric Love*, matou, por motivos torpes, a Srta. *Affection by Interesses*. E, não

satisfeito, incentivou ao suicídio o seu parceiro, numa tentativa vã de encobrir o primeiro crime. Sim, encobrir o primeiro crime, porque, se aqui presente, *Euphoric Love*, confessaria ter matado a doce e frágil *Affection* por ciúmes. Ou seja, por causa dele — apontou-me — um ser desprezível... inservível aos propósitos da sociedade... e ao dos relacionamentos afetivos. A sociedade ficará mais segura com ele fora das ruas. E, digo mais, a humanidade ficará muito melhor sem ele, e... posso dizer sem receio, que ela teria evoluído mais rapidamente e... melhor. Por essa razão, e por tudo o que consta nos autos, o Ministério Público, pede aos Senhores Jurados que declarem o Réu culpado dos crimes que lhe são imputados, condenando-o à pena máxima prevista em lei. Espero justiça!

Nessa hora eu estava furioso, quem era aquele cara para falar em nome da humanidade.

Meus ancestrais levaram o homem à monogamia... Senão ele hoje não saberia sequer de quem era filho.

Tive que interromper os meus pensamentos... o advogado estava se levantando.

— Seu tempo, Defensor. — O juiz passou a palavra ao meu advogado.

Eu estava com medo, muito medo... o MP, daquela forma, tinha jogado a culpa de tudo de

mal que ocorre entre os casais sobre mim. Todas as minhas esperanças estavam agora concentradas nas palavras do meu advogado.

— Meritíssimo Senhor Juiz de Direito, Sr. representante do Ministério Público, Membros do Conselho de Sentença, demais presentes. Vou dar início desfazendo essa imagem desfavorável do meu cliente. Nós todos já nos deparamos com ele, o Ciúmes... e... isso... desde a nossa infância, quando nossa mãe nos colocava no bercinho e dava atenção ao companheiro, ao marido... quando o nosso irmão, e ou irmãzinha, nasceu... quando um amiguinho ganhou brinquedo novo... quando um vizinho comprou um carro melhor do que o nosso, e por aí afora. Normal, sem traumas.

A natureza não criou nada eterno, todas as coisas acabam um dia. Ah, o amor... o ideal romântico de amor... por toda a eternidade... sinto dizer que também não faz parte dos planos da natureza. Quem já não teve o coração partido.

O problema está em aprendermos a lidar com as perdas e isso nada tem a ver com ciúmes, mas sim, com o direito de posse.

Nós não somos robôs biológicos... pré-programados, e nada... nem ninguém — apontou o Banco dos Réus — pode decidir por nós.

(Achei engraçado ele imitar um robô.)

No caso concreto, o Ciúmes deve mesmo ter passado diversas vezes na vida do casal *Euphoric Love* e *Affection by Interesses*, da mesma forma como passou pelas nossas. E, como ele mesmo disse, deu uma passadinha por lá no dia fatídico.

Mas só isso, sem mais consequências. E é exatamente isso que eu pretendo mostrar, baseado nas provas dos autos.

Na palavra balizada do Sr. Perito, nenhuma das duas vítimas alicerçou o seu comportamento usando o Ciúmes como bengala. Tinham outros suportes... em resumo, a decepção de um e a ganância do outro. Nem sempre, raiva... — fez um sinal em cruz no ar — mais decepção... — traçou duas retas paralelas, uma embaixo da outra — é igual a desprezo. A aritmética quando empregada na soma de emoções, não é uma ciência exata. Às vezes pode resultar em ódio... e vingança.

A testemunha da acusação *Aggressiveness*, *Angry Aggression*, declarou que saiu do local do crime quando *Revenge Violent* chegou... mas quem viu ela saindo... em que momento ela saiu... antes ou depois do fato consumado. As duas sempre agem em conluio. *Distress Greedy*, a outra testemunha da acusação disse ter fechado os olhos quando *Aggressiveness* se separou dela, e para o policial, a única a ser encontrada no local do crime

foi *Distress Greedy*... transtornada e gritando que o Acusado tinha matado os dois.

Vamos comparar as palavras ditas pela testemunha com o que existe nos autos. “O *Jealousy*, matou eles”. Palavras da Sra. *Distress Greedy* que afirma ter ficado com os olhos fechado até a chegada do policial. E, o depoimento do policial que afirma ter encontrado apenas ela no local. E que o Sr. *Jealousy* foi encontrado em local distante, onde, segundo os moradores, já estava há algum tempo. Convenhamos, Senhores Jurados, que uma pessoa, afirmando ter ficado o tempo todo com os olhos fechados, não pode ser considerada como testemunha ocular de nada.

36

Quanto ao que ouviu a Sra. *Distress Greedy*:

“sua idiota... vai ficar sem nada... ele vai me matar... e... a você também”. Foram palavras tiradas de um contexto diferente.

Vejamos o que disseram os vizinhos aos policiais civis que investigaram o caso, nos autos às fls. 141 e 142:

“Todos os vizinhos ouvidos disseram que o Sr. *Euphoric* gritou: “Sua idiota... o agiota não é um idiota igual a você, ele vai descobrir que os bens comprados com o dinheiro dele estão em seu nome. Ele vai me matar... e, exigir que você devolva tudo... ou vai matar você também”.

Lógico, Senhores Jurados, que quando isso foi dito pelo Sr. *Euphoric*, ele se referia ao agiota, e não ao Acusado; como deu a entender em depoimento a testemunha.

Assim, a quem vamos dar ouvidos... aos policiais ou à testemunha... uma testemunha que confirma ter ficado de olhos fechados... que pode ter ficado com os ouvidos tampados... que pode estar acobertando uma amiga íntima... que pode até ter sua parcela de culpa nos fatos. — Em frente aos Jurados, o advogado encenou a fala: cerrou os olhos, tapou os ouvidos, simulou um abraço apertado, e terminou com as duas mãos para cima e os olhos para o alto, em um claro gesto de: “quem garante que não”. — Sem apartes, continuou:

— *Angry Aggression*, mais conhecida como *Aggressiveness* por seus instintos agressivos, a primeira testemunha da acusação ouvida nesse tribunal, falou que o Acusado retirou-se para um canto — o advogado se afastou dos jurados até um canto próximo, levando consigo olhares curiosos — e que ele ficou de braços cruzados — representou, cruzando os próprios braços em frente ao peito — como se não tivesse nada a ver com o que ali acontecia, e completou a sua encenação olhando para os lados e assoviando

distraidamente. Voltou à frente dos Jurados, e continuou:

— *Distress Greedy* nos disse ainda que, incentivado pelo Acusado, *Euphoric Love* queria tirar todos os bens de *Affection by Interesses*, mas isso vai contra tudo o que existe nos autos. E contra a verdade. Vejamos: Ela mesma confirma que *Affection by Interesses* era muito apegada a tudo o que ela possuía. O perfil traçado pelo Sr. Perito revela que *Affection by Interesses* era interesseira, apegada às coisas materiais, daquelas que reagem contra tudo e contra todos que podem ameaçar o seu patrimônio; principalmente contra o parceiro. — Fez uma pequena pausa e continuou:

— Fatos que foram confirmados pela palavra da testemunha *Greed Envious* — retirou de um dos bolsos uma folha de anotações e leu em voz alta:

— “Era uma pessoa gananciosa, e ela queria tudo para ela. Se não fosse essa fatalidade, o Sr. *Euphoric* teria ficado sem nada; ela teria tirado tudo o que pertencia a ele”.

O advogado caminhou alguns passos com a mão direita no queixo, e voltou até os Jurados:

— Daí eu pergunto: Senhores Jurados, quem queria tirar tudo de quem? O Sr. *Euphoric* ou a Srta. *Affection*?

Deixando a pergunta no ar, o Defensor foi até a sua cadeira, pegou o grosso volume de cópia dos autos, e voltou até os integrantes do Conselho de Sentença.

— Eu vou dizer o que aconteceu aqui... — bateu com a mão direita sobre o maço de folhas que segurava na mão esquerda — *Euphoric* pegou dinheiro emprestado... comprou bens... colocou-os em nome da companheira... e ela quis aplicar-lhe uma rasteira. *Euphoric* sabia que sem vender alguns desses bens, não teria dinheiro para pagar o agiota. E seria morto por ele. Decidiu se vingar contra a pessoa responsável por sua morte... mas como levar a efeito uma vingança depois de morto. Antecipou-se... matou a ladra e tirou a própria vida; exatamente como consta nos autos. Para ele *Affection* já estava morta.

Ficaria confuso se eu dissesse que *Affection by Interesses* matou *Euphoric Love* que por sua vez matou *Affection by Interesses*. Por essa razão, não digo.

Mas eu pergunto, onde entra o Acusado, *Jealousy Acute*, o Ciúmes, nessa história?

E eu respondo: em lugar algum!

Então, quem? Volto a perguntar...

E a responder com uma meia-pergunta:

Revenge Violent!?

Seja como for, não importa, o cidadão ali — olhou e apontou para mim — não teve nenhuma participação nesse caso que agora eu entrego à consciência de cada um de vocês.

— Réplica — perguntou ao MP o juiz.

— Não, Meritíssimo.

O advogado ao meu lado suspirou aliviado. Todos estavam cansados.



Os quesitos (perguntas às quais os Jurados deveriam responder) foram lidos. O promotor, o defensor e os jurados receberam uma cópia. Ninguém requereu, reclamou, ou pediu explicações; e o juiz, o promotor, o defensor e os jurados se dirigiram à sala secreta.

40

Para mim os minutos demoravam tanto a passar que eu tinha a impressão de serem horas. Horas de suspense, agonia, receio, incerteza, e de muito medo. Muito medo mesmo.

Quando voltaram não houve tempo para mais quaisquer pensamentos. O juiz pediu que todos ficassem em pé.

Qual um leitor apressado eu procurei ouvir apenas a parte que mais me interessava.

— *Jealousy Acute*, por unanimidade, foi considerado inocente dos crimes que lhe foram imputados. As algemas devem ser retiradas. Agradeço aos senhores jurados a presença e o cumprimento do dever. Os senhores jurados estão dispensados. Agradeço também ao Dr. Promotor de Justiça, ao Dr. Defensor e aos serventuários da Justiça aqui presentes.

Ficamos, o advogado e eu, por mais alguns momentos enquanto ele retirava alguns papéis, segundo ele, necessários ao meu livre trânsito, até que tudo fosse registrado nos arquivos eletrônicos.

Ao sairmos do fórum duas jovens bonitas aguardavam nossa saída. Insistiram para falar comigo.

— Você é famoso — brincou o advogado.

Reconheci a pessoa que foi rejeitada pelo MP.

— Eu queria tanto ter participado do júri.

— Eu agradeço sua preocupação, senhorita.

— Você faz falta nos relacionamentos, uma pimentinha sempre vem a calhar.

Depois foi a vez da estenotipista, a moça que escrevia naquela maquininha estranha.

— Concordo com ela, um pouquinho de ciúmes não faz mal a ninguém.

— É... mas o problema é quando exageramos na pimenta e passamos muito do pouquinho. Acho que nos veremos mais vezes, senhoritas.

BLINDAGEM

Vinícius Tadeu

